

Ano 6, Vol XI, número 1, 2013, pág. 234-260.

## A JORNADA DE ANGÉLICA PARA ILUMINAR SEU PORÃO

Kátia Barbosa Macêdo

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar o percurso desenvolvido pela dupla psicanalítica a partir da análise de uma paciente, aqui denominada de Angélica. O artigo está dividido em quatro partes. A primeira é denominada 'A menina no porão'. Nesta parte é apresentada, de forma emblemática, a vivência real de Angélica de ser enviada ao porão. Esta situação foi utilizada metaforicamente para simbolizar o mecanismo de repressão descrito por Freud (1915). Na segunda parte, intitulada "A máscara, sua construção e usos", são apresentados materiais clínicos que evidenciam como ocorreu a construção defensiva de Angélica para lidar com a sua angústia e o sentimento de não ser amada. Ela construiu uma máscara, uma couraça narcísica. A terceira parte, denominada de "Olhando-se no espelho", ilustra uma fase do processo analítico em que o vínculo com a analista permitiu a Angélica resgatar conteúdos seus que estavam "relegados ao porão". Esse resgate permitiu que Angélica pudesse olhar-se no espelho de uma forma diferente, mais completa, entrando em contato com aspectos seus que eram desconhecidos. A quarta parte, "Angélica: limites e possibilidades" descreve a jornada da paciente lidando com a sua impotência, a castração, e também descobrindo recursos que foram, por muito tempo, desconsiderados.

Palavras-chave: psicanálise; desamparo; defesa.

### ANGELICA'S JOURNEY TO LIGHT UP HER BASEMENT

### Abstract

This article aims to present the route developed by psychoanalytic double from the analysis of a patient here named Angelica . The article is divided into four parts . The first is called ' The girl in the basement ' . This part is presented , emblematically , the real experience of Angelica being sent to the basement. This was used metaphorically to symbolize the repression mechanism described by Freud (1915) . In the second part , entitled " The mask , its construction and uses " clinical materials are presented that show how the construction was defensive Angelica to deal with your anxiety and the feeling of being loved . She built a mask , a breastplate narcissistic . The third part , called " Looking in the mirror , " illustrates one phase of the analytical process in which the relationship with the analyst allowed Angelica to rescue their contents that were " relegated to the basement ." This rescue allowed Angelica could look in the mirror in a different , more complete , by contacting their aspects that were unknown . The fourth part , " Angelica: limits and possibilities " describes the journey of the patient dealing with your impotence , castration , and also discover features that were long disregarded .

Keywords : psychoanalysis ; helplessness ; defense;

### Introdução

Angélica apresenta uma estrutura neurótica e uma ferida narcísica, provavelmente decorrente de suas relações primitivas. Desenvolveu uma

couraça constituída por defesas narcísicas, para se proteger de seu desamparo e da sua angústia. Apresentava dificuldades para tolerar frustração e chegou queixando-se de angústia e depressão, e disposta a fazer o que fosse preciso para melhorar. Quando iniciamos o nosso trabalho, Angélica estava casada, era mãe de dois filhos e tinha 37 anos de idade. Estava passando por uma transição profissional. Havia sido demitida de um emprego público e iniciava sua atuação em outra área.

### **Parte 1 - A menina no porão**

O porão da casa em que a família de Angélica morava era o local para o qual a paciente e seus irmãos eram remetidos quando os pais consideravam que haviam feito algo inadequado. No porão, os filhos iam esperar por uma surra e aprender a se comportar melhor.

A imagem do porão foi utilizada no presente texto como metáfora para a repressão. Freud (1914 e 1915) declarou que “a teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (Freud, 1914, p.165). Para ele, a sociedade e a cultura só puderam existir a partir da repressão de alguns instintos e tabus dos homens que compunham a horda primitiva. Assim, a repressão possibilitou a construção da vida em sociedade e “civilizada”. Essa imagem é emblemática no percurso analítico que vivenciei junto a Angélica, conforme será apresentado a seguir.

Angélica chegou queixando-se de angústia e depressão. A queixa de angústia indicava, conforme Freud (1914, p. 167) declarou, “uma consequência da repressão e uma das principais forças motoras conducentes à mesma.”.

Em nossa primeira entrevista, Angélica relata que:

P - *“Quando criança, brincávamos muito com os vizinhos, mas tínhamos que tirar notas boas”. Quando teimávamos, minha mãe contava para o meu pai, a gente descia para o porão da nossa casa, e ficava lá de castigo, esperando ele voltar para casa, jantar e, assistir o Jornal Nacional. Depois ele descia para o porão e batia na gente com cinto. Ficavam as marcas tão feias que não podíamos usar shorts. Entre os irmãos havia dois grupos, os três mais velhos e os três mais novos. Uma vez eu levei uma surra porque coloquei farinha no prato da minha irmã; outra vez porque quebrei o vidro do hidrante. A surra era coletiva, e os três apanhavam juntos.*

Ao ouvir esse relato de Angélica, fiquei imaginando como teria sido angustiante para ela e os irmãos a situação de esperar no porão por uma surra, enquanto o pai chegava, jantava, via televisão, e eles lá, aguardando a surra. Essa situação marcou profundamente o mundo interno de Angélica. Em suas representações internas, havia uma realidade psíquica com registros ligados à falta de uma mãe vivenciada como continente e suficientemente boa com quem ela pudesse contar. Assim, desde pequena, ela vivenciou fortemente o desamparo, o medo, a ameaça e os castigos. Essas vivências contribuíram para a constituição de um superego muito rígido, severo e punitivo. Pareceu-me que Angélica, teve uma falha na vivência do estágio do espelho, e talvez ela esteja buscando na análise uma forma de ‘remendar essa fase e constituir sua identidade’.

Angélica repetia essa busca pelo olhar, atenção e amor do outro, e também repetia o uso de suas defesas narcísicas para lidar com a angústia, o medo de ser abandonada, de não ser boa o suficiente para ser aceita e amada.

Quando repetia, era como se estivesse em um círculo vicioso. Isso me remeteu a Freud (1914) quando comenta sobre a compulsão à repetição:

Aprendemos que o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições da resistência. Podemos agora perguntar o que é que ele de fato repete ou atua (*act out*). A resposta é que repete tudo o que já avançou a partir das fontes do reprimido para sua personalidade manifesta – suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. Repete também todos os seus sintomas, no decurso do tratamento (FREUD, 1914, p. 198).

### **Parte 2- A máscara: sua construção e usos**

À medida que o Ego se desenvolve, ele busca desenvolver o princípio da realidade e manter o funcionamento no processo secundário. Algumas das principais aquisições do Ego são: a criatividade, a capacidade de empatia; a capacidade para tolerar frustrações e gerenciar as demandas pulsionais, capacidade para aceitar sua própria finitude e limitações, o sentido de humor e a sabedoria. (Tais aquisições recebem a energia do narcisismo primário). Pode-se dizer que um ‘pouco de narcisismo’ é necessário e inerente a todos para a própria sobrevivência, e fundamental para que a pessoa desenvolva sua capacidade de amar e ser amado, o que para Freud seria a melhor forma de superar esse movimento de voltar-se para si mesmo.

Porém, nem todas as pessoas seguem o curso de desenvolvimento descrito acima, muitas vezes a pessoa, não tendo um Ego suficientemente estruturado e desenvolvido, lança mão de defesas narcísicas para conseguir lidar com a angústia, como no caso de Angélica.

Freud (1920) afirma que há um movimento narcísico, utilizando defesas primitivas para proteger um eu fragilizado. Em seu texto sobre o narcisismo afirmou que

Para o ego, a formação de um ideal seria o fator condicionante da repressão. Esse ego ideal é agora o alvo do amor de si mesmo desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal (FREUD, 1914, p. 110).

Nessa segunda parte abordo a construção defensiva de Angélica para lidar com sua ferida narcísica, metaforicamente denominada de “máscara”. Para a construção dessa máscara, Angélica lançou mão de várias defesas primitivas como a idealização, a cisão e também a fantasia de onipotência. O movimento defensivo de Angélica se relaciona ao narcisismo secundário.

O narcisismo primário segue existindo durante toda a vida, em forma de ideal do ego. Freud utilizou a expressão ideal do ego para designar o modelo de referência do eu, simultaneamente substituto do narcisismo perdido da infância e produto da identificação com as figuras parentais e seus substitutos sociais. O narcisismo secundário refere-se ao mesmo movimento de retorno da libido ao eu para se defender da angústia, porém ocorre após a vinculação da criança com objetos externos a ela.

Vários desses movimentos podem ser detectados nos fragmentos de sessões apresentados abaixo, onde se pode observar a presença de raiva, competição, inveja e baixa tolerância à frustração. No primeiro deles, Angélica

descreve sua fantasia de ser perfeita, estar um degrau acima das outras pessoas, se sentir especial.

P – *“É, muita gente acha que eu sou perfeita que não tenho problemas. Uma vez eu estava em um churrasco na chácara de minha sogra e um convidado, falou em tom de brincadeira que me achava tão chique e formal que nem conseguia imaginar eu indo até o banheiro, como todas as outras pessoas. Eu confesso que gostei muito daquele comentário, pois é como se ele me visse de uma forma diferente, acima das outras pessoas. Eu até tenho vontade de dizer que não é assim, mas não consigo.”*

A – É porque você levou muitos anos construindo uma imagem, um padrão de conduta, que te dá vários ganhos, e não será da noite para o dia que você vai tirar a máscara assim... No teatro grego havia máscaras. Para nós, só será possível você tirar a máscara ao olhar para dentro e encontrar, fio a fio, o que a mantém colada em seu rosto. Ai desata um fio, e vê a testa, outro e vê o queixo, até o dia em que conseguir tirar a máscara toda e se ver...

P – *“E jogar fora, bem longe.”*

P – *“É, mas é difícil. Difícil descer para a realidade e descobrir que não se é perfeito.”*

A - É que a fantasia de perfeição é tão boa e sedutora... Mas a realidade...

P – *“É... Deixa eu ir embora. Eu não tenho visto quem eu sou.”*

(Após a sessão fiquei pensando que essa construção da princesa na torre era uma defesa, feita utilizando uma formação reativa e onipotência, para lidar com seu sentimento de menos valia, de se sentir inferior, menos que os outros.

O uso das máscaras de poderosa, inteligente, linda e inatingível serve para camuflar suas feridas narcísicas.).

A sessão ocorreu no primeiro ano de análise e se deu após um feriado, sendo que a sessão anterior havia sido suspensa. Angélica deitou-se no divã, sorriu, e começou a relatar que o final de semana foi bom, mas estranho, pois aconteceram coisas interessantes.

P – “Eu *acabo fazendo essas vingancinhas o tempo todo. Por exemplo, na sexta-feira passada eu resolvi viajar, depois de tudo arrumado, liguei para minha mãe para avisar da viagem, e então ela me disse que ia fazer a cirurgia da coluna naquele dia. Fiquei com ódio, disse a ela que ela deveria ter marcado a cirurgia para outro dia, que eu não ia atrasar minha viagem por causa dela não. Mas, para não ficar muito feio, passei lá no hospital fiz uma visitinha rápida e viajei. Assim, ninguém poderia falar mal de mim, que eu tinha sido egoísta, só pensado em mim, etc. Achei mais fácil me livrar disso tudo passando lá. Ela que ficasse sozinha lá no hospital, quem mandou marcar a cirurgia para um dia que eu não podia?”.*

A – É difícil para você viver uma decepção e lidar com a frustração. (Silêncio)

A - Aí, você estava descontando a raiva da sua mãe, da sua irmã... Ao te ouvir falar me vem uma imagem como se houvesse um castelo onde você ocupa o trono. Quando alguém faz o que você quer, você coloca a outra pessoa no trono também. Mas quando algo não sai como você quer, manda a pessoa para a masmorra. E o interessante é a pouca tolerância e a pressa que você tem para condenar, mandar para a masmorra, retirar da masmorra, colocar no trono. Poderosa, heim...

P – “*EU SEI (quase gritando). E o pior é que, mesmo sabendo eu continuo fazendo. Queria não ter isso, simplesmente não sentir nem fazer essas coisas.*”.

A - De uma forma mágica, simplesmente não ser assim, ser de outro jeito...

P – “*É, o melhor mesmo é se eu não precisasse estar vindo aqui.*”.

A - Agora a raiva está direcionada para mim? Está vingando o quê? O feriado e a nossa sessão que não aconteceu na sexta-feira? Ou o fato de eu (que sei e posso tudo, na sua imaginação) ainda não ter curado você disso tudo...

P – “*É isso mesmo. (Ficou rindo mais forte... mais angustiada). Nossa! Quem diria que eu estava com tanta raiva assim, né? E o pior é que não sei direito o que eu faço com ela.*”.

Macêdo (2011) afirma que a interpretação visa, sobretudo à obtenção de *insight* que possibilita o trabalho de uma elaboração psíquica e, conseqüentemente, a aquisição de verdadeiras mudanças. Para Zimerman (1999) a interpretação do analista se constitui como uma nova conexão e combinação de significados, de modo a possibilitar que o analisando desenvolva determinadas funções egóicas que ou nunca foram desenvolvidas, com a capacidade para pensar as experiências emocionais. Nessa sessão, quando a analista verbaliza a situação da não sessão na semana por causa do feriado, facilita a emergência de um conteúdo latente de raiva que ainda não havia sido verbalizado.

A dinâmica psíquica de Angélica me remeteu a Freud e Klein. Há um movimento narcísico, utilizando defesas primitivas para proteger um eu fragilizado. É quase como se ela precisasse de uma armadura medieval para proteger suas feridas. Dentre elas:

1- A negação quase total da angústia e dos conteúdos considerados por ela como maus; aqueles relacionados à angústia, ódio, processo primário;

2- O uso do mecanismo de divisão, *splitting* em relação aos objetos externos, assim, havia a idéia de alguém que tinha que ser sempre perfeito e bom e de outro lado, alguém que tinha que ser sempre ruim e malvado. Então, ela tenta encaixar os objetos externos e internos em um desses dois lugares.

3- Outra coisa que chama a atenção é o fato de usar a idealização de algum objeto para negar sua frustração. Assim, desenvolveu uma autoimagem de perfeita, um ideal de Ego que seria incapaz do menor deslize. Essa fantasia era muito forte nessa paciente, tanto que, quando ocorria de ela ou alguém perceber alguma falha nessa perfeição, se sentia angustiada, culpada, e sofria por não ser perfeita. Também era muito exigente com tudo e todos, pois qualquer coisa que fosse menos que perfeita era considerada por ela como horrível.

4- A vingança ou retaliação, o ataque aos objetos também caracteriza muito a fase esquizoparanóides, pois junto com a divisão, ocorre o medo de retaliação de todo o ódio que foi dirigido para o objeto mau, e a paciente se sentia perseguida, angustiada...

5- O desejo de “se curar” instantaneamente, ou melhor, nem ter o que se curar, e o conseqüente ataque à figura da analista, vista por ela como incapaz de curá-la ou de livrá-la da frustração, raiva e ódio. Então ela precisava descarregar a raiva de alguma forma, usando a vingança, o fazer o outro sofrer de propósito, mesmo que ele nem saiba... Mas ela sabia que estava descontando toda a raiva, como forma de alívio (Lei de Talião).

Continuando nosso processo, Angélica fala da falha de suas defesas, e sua raiva em relação a isso, o que pode ser observado no comentário feito por ela e transcrito abaixo.

P – *“Que coisa mais louca, está mudando de idéia em relação a tudo. Será quando isso vai parar? Antes era melhor, eu sabia exatamente quem eu era como agir, como decidir: Agora, desse jeito.”*

A - É, como uma metamorfose ambulante, permitindo-se mudar. Essas mudanças te dão medo.

P – *“Estou preocupada com essa mudança, imagine se tivesse decidido outra coisa, agora teria outras consequências, talvez tivesse me arrependido.”*

(A percepção de que suas defesas não são mais eficazes como antes, e de ter ‘ficado sem o que conhecia e ainda não ter nada novo para colocar no lugar’ causou uma angústia enorme, de alguma forma previsível durante o processo analítico.).

Em várias sessões, quando Angélica sentia-se mais angustiada, retomava a vivência do porão, como no trecho abaixo. O material que ela levava para as sessões era trabalho visando auxiliá-la na ressignificação da vivência traumática, como no fragmento transcrito abaixo:

P – *“É, essa situação me faz lembrar quando eu era pequena e ficava lá no porão com meus irmãos esperando a surra do meu pai. Se eu fugisse, a surra seria maior ainda, então eu tinha que ficar lá, esperar meu pai jantar, tomar banho, ver o jornal nacional, e depois descer e bater na gente. Ai, só me restava apanhar...”*

A – Que impotência diante de uma situação tão dura como aquela...

(Silêncio, a paciente ficou pensativa).

*A- Mas só que agora não tem mais o porão, pelo menos não do lado de fora. O porão agora só existe dentro de você, e você fica repetindo essa situação. Julgamento-culpa- punição. Frio na barriga falta de sono... É como se uma parte sua fosse um sargentão bem violento, que tem um porrete na mão. Quando ele (você mesma) julga que algo não saiu como devia, se encarrega de censurar, julgar, condenar e punir. Essa punição vem de várias formas. Um círculo vicioso de angústia, solidão, impotência e sofrimento.*

Angélica repetia a representação de estar no porão e os sentimentos relacionados àquela situação, o que me remeteu a Marucco (2007) quando afirma que

A repetição se traduz também no social e no cultural, como efeito de um trauma que, ao não encontrar possibilidade de representação e elaboração, reaparece e se atualiza em um retorno ao mesmo, ao idêntico... As repetições marcadas pela pulsão de morte deixam um sulco em certa naturalização como destino... Nos primórdios do nascimento do psíquico, inaugura-se a relação dialética entre a pulsão e o objeto. A repetição traria à luz as marcas dessa relação, com suas transformações, suas obstruções, sua articulação particular com o traumático e com aquilo que está além do trauma: o vazio, a ausência, o nada. Diante da impossibilidade de subjetivação desse trauma, o sujeito parece ficar agarrado ao destino, a esse tempo retido, coagulado na repetição daquelas marcas primeiras do que se poderia chamar de psíquico-pré-psíquico, cristalizado nesse núcleo em que se condensam as configurações específicas da pulsão com as primeiras identificações, e onde se encontram as chaves daquilo que se expressa na clínica (Marucco, 2007, p.123).

Entender esse movimento de repetição e aplicá-lo à situação de repetição da situação traumática de Angélica ligada à vivência de ficar presa no porão foi fundamental para me auxiliar na compreensão de que significava também um pedido de ressignificação..

### Parte 3 - **Olhando-se no espelho**

Angélica e eu seguimos seu processo analítico. Angélica demonstrou uma mudança no seu funcionamento mental. Houve um afrouxamento das defesas e ela pode começar a se mostrar, sentindo-se mais à vontade. O seu superego se flexibilizava, as imagos paternas e maternas internalizadas tá não estavam tão terroríficas quanto antes. Angélica e eu já podíamos nos comunicar de forma lúdica e desvendando melhor a linguagem simbólica, como na sessão abaixo transcrita.

Angélica relatou que:

P- *“Minha irmã mais velha, a Beth, tinha três filhos. Como não queria mais filhos fez uma laqueadura. Apesar disso, engravidou novamente. Então, nasceu mais uma filha, que até hoje é uma menina complicada, chata e depressiva.”*

(Silêncio).

P- *“Fico pensando que comigo também pode ter sido assim. Fui à sexta filha, meu pai estava formando, as pessoas falavam que já eram muitos filhos...”*

(Enquanto ela relatava os fatos, eu percebi que ela retirou uma pulseira do pulso, com a qual começou a brincar. Notei que enquanto contava a história da sobrinha e da irmã, ela fechava a pulseira, deixando um elo de fora. Enquanto falava, mexia com o fecho e os elos da pulseira).

A-E essa pulseira fechando e deixando um elo de fora, será que é assim que você se sente: excluída, não desejada, como sua sobrinha?

P- *“É... desde sempre. Minha mãe não se lembra de quase nenhuma estória minha do meu tempo de criança, quase não tenho nem fotos de criança... Então, parece que fui ficando desse jeito. (Silêncio). Agora que você falou, lembrei que minha mãe me deu uma pulseira de ouro que era dela, daquelas que tem bolas, pois é: todo mundo lá em casa já sabe que quando eu uso aquela pulseira, e vão me ajudar a abotoar, tem que deixar uma bola de fora, senão fica larga.” (Silêncio)... Notei que enquanto falava, continuava brincando com a pulseira que estava em sua mão. Então, ela disse:*

P- *“Essa pulseira mesmo, eu também abotoei deixando uma florzinha de fora, senão fica larga. Mas esses dias eu abotoei deixando todas para dentro e não ficou larga...” (Sorriu... longo silêncio).*

A- Hum, abotoou colocando todas para dentro e não ficou larga a pulseira. (Silêncio)

A- Parece que você está brincando de entrar e sair do convívio inclui e exclui... você! (Silêncio)

A - Com essa pulseira aqui, com a pulseira de ouro que ganhou de sua mãe, não importa: seu sentimento de solidão vive aí dentro de você...

(Notei que ela colocou os elos da pulseira emparelhados em duplas, e, como eram pares, não ficou nenhum de fora. Não abotoou a pulseira, e ficou nessa brincadeira até o final da sessão. Ao final, levantou-se e saiu com a pulseira na mão, desabotoada). Penso que Angélica usou o jogo com a pulseira para falar de seu sentimento de exclusão, de não ser aceita e de não estar

incluída nos elos da corrente (família e vínculos sociais). Essa situação me remeteu a Winnicott.

Winnicott (1967) abordou o brincar como um aspecto universal da natureza humana. Para ele, o brincar em si mesmo já era psicoterápico, não propriamente por causa dos elementos simbólicos que veiculava ou expressava, mas pelo que realizava. Dentre suas maiores contribuições para a psicanálise, encontram-se exatamente o fato de demonstrar que o brincar também é uma linguagem, um recurso do qual o inconsciente lança mão para se comunicar. Afirma ele que

Devemos encontrar o brincar tão em evidencia nas análises de adultos quanto o é no caso de nosso trabalho com crianças. Manifesta-se, por exemplo, na escolha das palavras, nas inflexões de voz e, na verdade, no senso de humor... É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu. Assim, temos o fato de que somente no brincar é possível a comunicação (WINNICOTT, 1967, p.61- 80).

O brincar e a brincadeira do adulto dizem respeito a uma determinada relação com o mundo, com o trabalho, com as pessoas com as quais convive, com suas atividades etc. Correspondem à possibilidade de habitar uma área intermediária na qual há uma união e separação do mundo subjetivo e do objetivamente dado, o que certamente não ocorre o tempo todo, conforme Macêdo (2009). É a esta área que Winnicott se refere como sendo o *lugar onde vivemos*; é a área da experiência em que o brincar se realiza e que mais tarde compreenderá o espaço da arte, da religião, do trabalho e da vida social em geral.

Em outra sessão, ela relata uma situação que a auxiliou a ter um *insight* de que mudanças internas estavam ocorrendo:

“P –” *Eu pedi para meu marido tirar uma cortina do quarto de minha filha, ele ficou enrolando, eu fui lá e tirei. Agora eu mesma mando lavar o carro, estou dependendo menos dele.”*

(À medida que Angélica falava, eu imaginava que ao tirar uma cortina que escurece e abafa que não deixa ver, ela pudesse também estar falando de tirar as cortinas de dentro dela mesmas.) Então eu disse:

A- Hum, mais independente. Descobriu que você pode fazer as coisas por si mesmas. (Silêncio)...

A - Parece que há sombra, e que ela não te assombra mais como antes. Ao iluminar seus porões, está descobrindo que pode contar com você mesma, e que você não é tão ruim ou feia como imaginava tão assombrada, mas que tem recursos... (Silêncio).

P – “*É, iluminando as sombras.”*

A - Na sombra há luz e escuridão juntas. Ao abrir as cortinas, você possibilita a entrada de mais luz e ar, e descobre que há coisas boas no que antes era escuro, e não só coisas ruins ou persecutórias. Os conteúdos que Angélica trouxe nesse período indicavam um maior cuidado consigo mesma e a possibilidade de se gostar.

À medida que descobria aspectos positiva em si mesma, Angélica podia, de forma mais fortalecida, enfrentar a sua angústia. Nosso processo seguia e Angélica se aproximava gradativamente de si mesma, de seus aspectos mais genuínos, recuperando suas partes boas. Ela buscava trabalhar seus

conteúdos ligados a sua imagem denegrida. Angélica colocava no outro a expectativa de ser amada, cuidada. Sentia-se frágil.

Quanto mais ela entrava em contato com esses conteúdos, mais dificuldade de se aproximar da analista ela demonstrava. Começou a faltar a algumas sessões, deixando a analista esperando. Assim conseguiu me comunicar como se sentia abandonada, e o quanto isso era doloroso para ela. Apesar das dificuldades, continuamos nosso trabalho.

#### **Parte 4 - Angélica: limites e possibilidades**

À medida que trabalhávamos, começou a se esboçar a possibilidade da paciente fazer as coisas de uma forma diferente. Era como se estivesse nascendo uma nova Angélica, conteúdo simbolizado em um sonho que levou para a análise.

P- *“Sabe, eu sonhei que estava no meu quarto. Olhei e tinha um bebê deitado na minha cama, de mais ou menos uns quatro meses, tão bonitinho, com aquela carinha olhando para mim. Fiquei muito incomodada, e lembro que no sonho eu olhava e dizia: Mas esse bebê não é nem meu filho e nem minha filha, eu nem sabia que tinha mais esse bebê, e agora eu tenho que cuidar dele também”.*

A – O que você achou desse sonho?

P- *Não sei... Ficou pensativa e em silêncio...*

A- E esse bebê que está exigindo cuidados é... Você!

Chorou e ficou em silêncio até o final da sessão.

Esse sonho representava simbolicamente o surgimento /nascimento de aspectos novos dela, e a necessidade de cuidar desses aspectos para que ela (o

bebê) possa se desenvolver de forma adequada. A ambivalência era um sentimento recorrente. Ao mesmo tempo desejava e ansiava por mudanças, fazer as coisas de forma diferente, descobrir novas possibilidades, Angélica também se sentia com muito medo da mudança, medo do abandono e do desamparo. O fragmento de sessão transcrito abaixo indica esse movimento de forma clara. A paciente entrou, cumprimentou-me e disse que andava chorando, triste, isolada e com medo.

P- *“Quando penso em me separar do Oscar, fico com medo de ficar sem proteção, e então vou ter que entrar em contato com coisas minhas que tenho muito medo.”.*

A- Que tipo de coisas suas você tem medo?

P- *“Solidão.”*

(Silêncio).

P- *“Não sei quando começou, parece que desde quando eu era bem pequena. Fico pensando: será que eu espero que o Oscar preencha esse vazio todo?”.*

A- Será que esse buraco aí um marido pode preencher?

P - *Eu não sei não.*

A- A gente tem buracos que não são para ser preenchidos, e sim para ser abraçados. A fragilidade é condição humana, assim como a dependência e a nossa finitude... Já que não tem jeito de preencher, o jeito é acolher. (Longo silêncio).

Talvez como forma defensiva, ela então começou a falar sobre vários assuntos diferentes, não dava prosseguimento a nenhum deles. Quando

disparou a falar, fez uma negação e fugiu do enfrentamento da questão é muito angustiante para ela.

A- Ouvindo você falar eu fiquei pensando em uma maçaroca. Você já notou que começa a falar de uma coisa, para, muda de assunto, aí vem outra idéia na cabeça, você fala, depois para... Você já viu uma maçaroca?

P- *“Já, aquele monte de linha misturada, bagunçada... É, quando eu bordava, gostava de arrumar as linhas, e dava um trabalho quando elas viravam uma maçaroca, às vezes tinha que cortar uns pedaços, até conseguir separar as cores e tamanhos. É eu não ando bordando mais, já faz tempo. Eu gostava tanto de bordar...”*

A- Bordar é tão bom, é como sonhar. Você fica lá com as linhas, o bordado, e os pensamentos viajam. Mas parece que a tela ou tecido que você vive hoje anda meio escura, assustadora.

“P-” *É isso mesmo, ando com muito medo, angustiada, medo do futuro, de como será... Meus pensamentos estão como flashes de filmes, começa um pedaço, para, perde o fio da meada... lembro de outra parte, para, perde o fio de novo...”*

A- Pensar no futuro pode dar medo, é o desconhecido, mas também pode ser uma oportunidade para criar novas formas de viver, de bordar.

O principal conteúdo que Angélica comunicava nessa fase se relacionava à vivência de desamparo, significando um estado ou situação do lactante que, dependendo inteiramente de outro para a satisfação de suas necessidades, se revela impotente para realizar a ação específica adequada para pôr fim à tensão interna, conforme Macêdo (2012). O desamparo decorre de

uma situação de perigo inevitável vivida pelo ser humano devido à sua imaturidade neonatal; é uma experiência primordial da condição do vivente. É também considerado como protótipo da situação traumática geradora de angústia, e foi muito bem descrito por Green (1988), quando afirma.

A transformação na vida psíquica, no momento do súbito abandono ou privação da mãe quando abruptamente ela ficou desligada de seu bebê, é experimentada pelo filho com uma catástrofe: porque, sem qualquer sinal de alarme, o amor foi perdido de repente. Essa experiência se constitui numa desilusão prematura. O resultado é a constituição de um buraco na textura das relações com a mãe. Repete sentimentos de privação ou abandono da mãe. A mãe continua por perto, contudo, seu coração não está nela. A tentativa fracassa porque o sujeito se mantém vulnerável em um ponto em particular, que é a sua vida de amor (GREEN, 1988, p.159).

Nessa fase os sonhos eram uma forma privilegiada de comunicação de seus conteúdos e o que vou transcrever abaixo no fragmento de sessão indica claramente uma mudança interna no funcionamento psíquico de Angélica.

Angélica chegou, disse que estava triste, sozinha, isolada, fazendo um balanço de sua vida, e vivendo muita angústia com a ameaça de separação de um casamento que já durava mais de 20 anos.

P - *“Tive um sonho essa noite. O Oscar estava varrendo o chão de terra de uma mercearia. Minha sogra chegou com uma amiga, tinha um pé de pimenta lá, então ela começou a pegar as pimentas e colocar num saquinho para levar. Eu a ajudei e levei até o carro dela. Depois que ela foi embora, eu peguei o vaso com a pimenteira e percebi que as pimentas que estavam de fora eram velhas, duras e pareciam mexeriquinhas. Resolvi arrancá-las para jogar fora.*

*Então eu vi que lá dentro tinha umas pimentinhas lindas amarelas, novinhas e brilhantes”.*

A- O que parece esse sonho para você?

P- *É, até quando eu estou dormindo e sonhando minha sogra vem amolar. Vai lá, pego o que quer não paga e vai embora... (Silêncio).*

A- E o pezinho de pimenta, tão diferente...

P- *Ele estava num vaso, não era pregado no chão.*

A- Então podia ser movimentado.

(Percebi que o fato da pimenteira estar plantada em um vaso e não no chão poderia indicar uma situação transitória, talvez relacionada ao seu casamento, pois Angélica estava em um processo de dissolução do casamento, de separação.).

P – *É e as pimentas? Eu acho que a pimenteira sou eu... (Silêncio).*

A- E os dois tipos de frutos, os de fora parecem travestidos em mexericas, velhos e duros, como uma máscara. Mas tinha os de dentro, novos, lindos e brilhantes...

P- *Eu arrancava os velhos, até dei para a sogra e joguei fora o resto.*

A- Só então foi possível ver os novos e bonitos... Parece mesmo com você, com o seu jeito agora, fazendo balanço, livrando-se de coisas velhas, descobrindo novas...

(Longo silêncio)...

A- Árvores com frutos diferentes... Quando você falava das frutas da pimenteira, me lembrei dos pés de laranja que você falava lá da chácara de sua mãe, com os frutos deliciosos, que não tem laranja que dá suco mais gostoso.

Pois é, são árvores com frutos... Então, pensei no contraste de você, filha da dona da laranjeira, com um pé de pimenta, tendo um trabalho enorme, travestindo suas frutas para talvez serem aceitas....

Com esse sonho, Angélica sinaliza a possibilidade de assumir suas características, o quê realmente é, e não necessariamente o que os outros gostariam que ela fosse, ou ainda, o que ela imagina que os outros gostariam que ela fosse. Ao retirar as pimentas velhas, travestidas em mexericas e entregar para a sogra, é como se ela estivesse retirando simbolicamente a máscara ou os disfarces que por tanto tempo usou, com a intenção de agradar os outros para ser aceita.

Só quando Angélica retirou as frutas, que representavam velhos arranjos defensivos, é que foi possível a ela encontrar as pimentinhas novas, brilhantes e bonitas, ou seja, aspectos dela mesma, ali simbolizados.

Angélica sofreu, mas paulatinamente começou a descobrir recursos internos que lhe possibilitaram aprender a lidar com a realidade de forma diferente. Descobriu que nem tudo são flores; que ninguém é totalmente bom ou totalmente ruim; inclusive ela. Sua vida parecia uma ‘maçaroca’, Angélica se assustou. Apesar disso, encontrou recursos internos e começou a construir um novo rumo para sua história.

Angélica começou a relatar diversas situações que indicam uma mudança interna, com uma noção clara dos seus limites e possibilidades e também a possibilidade de lidar com as pessoas com as quais convive de uma forma diferente da que fazia antes. O princípio da realidade substituindo o princípio do prazer imediato, a capacidade de pensar e avaliar as situações, de

tolerar a falta, de enfrentar o medo e a dor, porque sem a dor não há crescimento. Angélica tinha crescido.

### **Considerações finais**

Como participantes de uma mesma condição de humanos, tudo que trazemos originariamente advém, sobretudo, de nossa constituição pessoal e da interação com as outras pessoas, com o ambiente em geral. Somos constituídos a partir de como vivenciamos nossas relações. A forma como vivenciamos nossas relações primitivas imprime um modo de representar o mundo dentro de nosso psiquismo. Na construção dessa representação interna, colaboram fatores descritos nas séries complementares apontadas por Freud (1905), a capacidade inata de tolerar a angústia; o ambiente que nos acolhe com mais ou menos continência e o modo como vivenciamos tudo isso. Nem sempre podemos atribuir à mãe ou à pessoa cuidadora, a ‘culpa ou responsabilidade’ pelas falhas no nosso desenvolvimento, apesar de contribuir de forma fundamental para a constituição de nosso psiquismo.

Angélica indicou que em sua representação da realidade psíquica interna, houve o registro de falhas em suas relações primitivas, o que lhe causou uma ferida narcísica. Sua vivência de que não foi recebida por sua mãe como gostaria. Diante dessa situação, a criança que Angélica um dia foi, tendo um Ego enfraquecido, construiu defesas bastante poderosas. Fantasizou que era onipotente, autossuficiente, e que poderia dar conta das coisas sozinha. As defesas narcísicas oferecem uma sensação de proteção, como se a pessoa ‘ficasse segura numa casca de noz’. No entanto, pelo fato de serem defesas,

também apartam a pessoa da realidade, isolando-a e servindo de empecilho para seu desenvolvimento.

Angélica construiu então sua máscara: máscara de princesa, de poderosa e invejável. Assim, se ela não conseguia curar sua ferida narcísica ligada ao medo de não ser vista, ouvida e amada, ela pelo menos poderia se sentir, ainda que de forma fantasiosa, admirada e ‘invejável’. Investiu muito na manutenção dessa máscara, pois obtinha um retorno mínimo, mas que era sentido por ela como ‘melhor do que nada’. Depois de um tempo, Angélica percebeu que a sua máscara já não resolvia tudo, não servia para todas as situações, e começou a ter que lidar com suas angústias. Precisou começar a pensar em substituir a máscara ou abandoná-la. Foi quando Angélica buscou a análise.

Essas ideias e conceitos me auxiliaram na compreensão dos motivos pelos quais Angélica apresentava um superego tão rígido, e também sua preferência por utilizar de forma maciça a idealização e a onipotência, pois poderia assim corresponder, ainda que no nível da fantasia, ao seu ideal do ego.

Tivemos um trabalho intenso, que possibilitou que ela entrasse em contato com seus conteúdos ligados à angústia. Angústia por não sentir que poderia ser amada; angústia pelo medo de ser abandonada, angústia por perceber que não se tratava tão bem e que não era aquela ‘Diva’, perfeita.

Macêdo (2010) ao levantar características descritas por autores como Freud, Guedes e outros, Klein, Winnicott e Green, percebemos que algumas delas são descritas de forma recorrente. São elas: ao mesmo tempo em que amam a si mesmos excessivamente, manifestam sentimentos de autodesprezo,

auto-humilhação, considerando-se muitas vezes um impostor; apresentam combinações de ambição intensa, fantasias grandiosas, sentimento de inferioridade e uma dependência enorme da admiração e do aplauso dos outros; sentimentos de tédio e vazio, sérias deficiências em sua capacidade para amar e preocupar-se com os outros; falta de empatia e insatisfação consigo mesmo; ainda há intensa inveja e defesas contra ela, desvalorização, controle onipotente e retraimento narcisista; predominam mecanismos de splitting, primitivas formas de projeção, particularmente a identificação projetiva, idealização patológica, o controle onipotente, o retraimento narcisista e a desvalorização; na gênese do desenvolvimento da personalidade narcisista, indícios da participação de impulsos agressivos intensos e da presença de uma mãe fria, super-protetora ou vivenciada como morta pelo bebê.

A não ser nos casos mais severos, há sempre nos pacientes narcisistas funções normais do Ego, aspectos realistas do conceito de si mesmo que são mantidos e existem ao lado do *self* grandioso. O tratamento de pacientes narcisistas, em função das características acima comentadas não é tarefa fácil, e exige do analista uma grande capacidade de tolerar ataques à sua função analítica. Alguns pacientes narcisistas podem adotar como defesa uma atitude de superioridade, que funciona como uma muralha difícil de ser examinada por trás da qual se escondem a hostilidade e a inveja. Esses sentimentos são negados para evitar a ruptura da couraça narcisista. No trabalho com Angélica senti, em várias situações essa dificuldade de me aproximar dela, de ter que lidar com a imagem idealizada que ela criou, até conseguirmos criar brechas nessa couraça, permitindo então acessarmos os conteúdos que mais temia.

Acompanhando Angélica nesse processo, percebo que ela já não é mais a mesma. Ainda sonha em ganhar ‘de coração’ as lindas laranjas reservadas lá da laranjeira da mãe. Angélica descobriu que não precisa travestir suas lindas pimentinhas em mexeriquinhas falsas para agradar os outros (nem a imagens idealizadas e internalizadas que habitam seu mundo interno), pois as pimentas que produz são novas e lindas.

### Referências

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade** (1905), In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido por Jayme Salomão. 2<sup>a</sup>. Edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

\_\_\_\_\_ **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise** (1912), In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido por Jayme Salomão. 2<sup>a</sup>. Edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

\_\_\_\_\_ **Recordar, Repetir e elaborar** (1914) In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido por Jayme Salomão. 2<sup>a</sup>. Edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

\_\_\_\_\_ **Repressão** (1915) In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido por Jayme Salomão. 2<sup>a</sup>. Edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

\_\_\_\_\_ **O Ego e o Id** (1923) In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido por Jayme Salomão. 2ª. Edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

\_\_\_\_\_ (1929) O Mal-estar na civilização, In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido por Jayme Salomão. 2ª. Edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

GREEN, André. **Narcisismo de Vida e Narcisismo de Morte** (1988). Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta.

KLEIN, M. **Inveja e gratidão** (1957), Obras completas, vol.3, Inveja e gratidão, Ed. Imago, 1991.

MACÊDO, K. B. “Traduzindo o brincar, a dupla analítica revela os inconscientes”. In: A.B.C. (org.) **Construções**. 1 ed. Porto Alegre: Editora da ABC Associação Brasileira de Candidatos, v.1, 2009, p. 119-130.

MACÊDO, K. B. “As múltiplas faces de narciso”. In: **Psicologia e Saúde**. Brasília, n.1, v.2, maio de 2010, p.65 - 75.

MACÊDO, K. B. “Da interpretação na transferencia”. In: *Anais do XXIII Congresso Brasileiro de psicanálise*, 2011, Ribeirão Preto São Paulo: Editora da Febrapsi, 2011 a. v.1. P.14 – 15.

MACÊDO, K.B. o Desamparo do sujeito na modernidade. In: Revista Ecos, Rio de Janeiro, 2012.

MARUCCO, Norberto Carlos. **Entre a recordação e o destino: a repetição** (2007), In: Revista Brasileira de Psicanálise. Vol. 41, n.1, 121-136.



ROUDINESCO, E. ; PLON, E. **Dicionário de psicanálise** (1998); trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

WINNICOTT, D. W. O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: **O Brincar e a realidade** (1967). Trad. Irineu Ortiz, Porto Alegre, Artmed.

ZIMMERMAN, Davi. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática** (1999). Porto Alegre: Artmed.

Sobre a autora e contato:

Membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da SPB e Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia. Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Rua Sevilha, Q184, lotes 17-25, condomínio Sevilha, casa 2, Jardim Europa, Goiânia - GO CEP 74 330 5670; Telefones 062 3532 7002, 06299738495;

[katiabarbosamacedo@gmail.com](mailto:katiabarbosamacedo@gmail.com)

**Recebido em 5/3/2013.**

**Aceito em 20/6/2013.**